



HISTORIAL DEL ARTÍCULO:

Recepción: 8 de junio 2012

Aceptación: 11 de julio 2012

Recepción versión final: 3 de agosto 2012

Accesible en línea: 26 de agosto 2012

**Resenha do Livro: *Pedagogia do Risco*
de Silvio Gallo. Campinas, Editora
Papirus: 1995**

Gláucia Figueiredo¹

A obra ora apresentada intitula-se *Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em Educação* de Silvio Gallo e é, no âmbito da Educação, um trabalho-referência que apresenta os prodigiosos caminhos realizados pela Pedagogia Libertária nos séculos XIX e XX. O autor realiza uma singular trajetória ao trabalhar conceitos fundamentais do anarquismo - liberdade, educação integral, ciência, arte, técnica, consciência, entre outros -, e traz estas expressões conceituais à luz das práticas encarnadas por pensadores chaves da história do movimento anarquista – Proudhon, Bakunin, Paul Robin e Sébastien Faure.

Esta obra de caráter introdutório da Pedagogia Libertária é iniciada com a apresentação esmiuçada do conceito anarquista de liberdade e em seguida é expresso o funcionamento de uma educação anarquista como atitude

¹ Pedagoga e Doutora em Filosofia da Educação (UNICAMP – BRASIL). Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA- BRASIL) e Professora do Departamento de História e Filosofia da educação da Universidad de la República (FHCE-UdelaR).

revolucionária para chegar, então, ao traçado de uma educação anarquista como uma *Pedagogia do Risco*. Nas palavras do próprio autor, este estudo está dividido em duas partes principais: uma detida na apresentação da *teoria anarquista da educação* e a outra que tratará da *prática pedagógica nas escolas libertárias*. Na primeira parte do livro, denominada a parte *teórica*, são desenvolvidos dois capítulos, o primeiro dedicado a Pierre-Joseph Proudhon e o outro capítulo é desenvolvido a partir das ideias de Mikhail Bakunin. Na segunda parte, compreendida como *prática*, são exploradas as experiências pedagógicas libertárias vividas por Paul Robin na direção do *Orfanato Prévost* e por Sébastien Faure e sua comunidade-escola de *La Ruche*. Ressalta-se que o autor destaca a impossibilidade de haver trabalhado nesta obra as experiências pedagógicas da *Escuela Moderna de Barcelona* de Francesc Ferrer i Guàrdia, as experiências das *Bolsas de Trabalho Francesas* e a escola de *lasnaia Poliana* criada na Rússia por Tolstói.

Ao introduzir a obra, o autor nos ajuda a compreender a Liberdade na perspectiva anarquista, uma liberdade que difere radicalmente da liberdade pregada pelo liberalismo burguês. Os filósofos do liberalismo - pensadores que deram origem ao movimento iluminista (Iluminismo) – se preocupavam em distinguir o Homem em estado natural do Homem civilizado e isso se dava porque no contexto histórico em que viveram, seria o caminho para destruir a noção de direito natural ou divino, que regia a sociedade medieval e que assegurava a legitimidade dos privilégios da nobreza. Em oposição ao direito natural, propunham um pacto, ou um contrato social, que seria concebido pelas pessoas vivendo em comunidade. Por isso, os filósofos liberais compreenderão a liberdade como um fenômeno natural, no qual o Homem já em seu nascimento se mostra e se torna livre, porém, ao se relacionar e optar por viver em sociedade ele abdica de sua liberdade original em prol da garantia dos interesses que a vida em sociedade proporciona. Dito de outro modo, o que está em jogo é a aceitação de uma troca imposta originalmente - os homens associados através de interesses comuns perdem a liberdade para viverem em sociedade e serem protegidos pelas regras e normas da mesma.

Já o conceito de liberdade na perspectiva anarquista é compreendido não como algo inato, mas como um produto cultural. Assim, a liberdade não é um fator natural, inato ao homem, mas um produto construído e adquirido através de esforços variados das gerações que trabalharam para a sua edificação. Sob esse ponto de vista, o Homem não nasce livre, mas adquire sua liberdade no decorrer de sua vida, na medida em que se relaciona com os demais e que se produz enquanto Homem. O que fica claro é a diferença entre uma concepção inatista da liberdade, apresentada pelos filósofos liberais, e uma concepção materialista pregada pelos anarquistas. A liberdade no sentido anarquista é um fato necessariamente social, construído coletivamente, onde a liberdade só é alcançada com o concurso de toda a sociedade. Outro fator importante sublinhado pela perspectiva anarquista é que para que a liberdade individual ocorra é preciso a afirmação de pessoas tão livres quanto o próprio indivíduo em questão, que vivem em sociedade com ele. Nesse sentido, a liberdade de um indivíduo só ocorre por meio da aprovação dos indivíduos igualmente livres de sua comunidade, por isso, não há possibilidade de assegurar a autonomia e a independência individual, se os demais membros de uma comunidade não participam de igual direito e mesmas possibilidades. A equação anarquista é que tanto maior a liberdade dos membros em sociedade, maior será a liberdade individual e esta é a base que os anarquistas retomam constantemente em suas lutas - a fundamental importância da solidariedade entre os indivíduos em sociedade, algo diametralmente oposto da lógica competitiva, fragmentária e individualista características do modo de produção capitalista até os dias atuais.

O primeiro capítulo da obra dedicado a Proudhon é nomeado “Igualdade e diversidade” e realiza as explorações em torno do conceito de *politecnia*. Um tipo de educação influi diretamente no processo de superação da alienação do homem moderno no contexto da produção capitalista. Destaca-se, nesse contexto, que o primeiro a se apropriar do termo anarquista de forma não pejorativa, para postular um conjunto de ideias que representasse os princípios de uma sociedade ácrata e auto-gestionária foi Proudhon. Este pensador, em seu livro de 1840 *Qu'est-ce que la Propriété?* (O que é a propriedade?),

apresenta a origem da miséria e das contradições sociais da sociedade moderna no conceito burguês de direito a propriedade privada. Fica claro que a base da filosofia social de Proudhon é construir um amplo material em que critica veementemente o conceito liberal de liberdade e de democracia, por isso, através de sua influência que em 1864, um ano antes de sua morte, é criada a Associação Internacional Operária (conhecida como primeira internacional). Sobre o papel da Educação como uma crítica a esta realidade opressora, Proudhon apresenta a instrução pública baseada na *politecnia* como a grande força revolucionária da educação porque os esforços empreendidos deveriam ser centrados na formação do homem pelo trabalho. Esta educação pelo trabalho se daria através da *aprendizagem politécnica* que se traduz como a união da aprendizagem com a educação, na instrução literária e científica combinada com a instrução industrial. Por isso, a educação não deveria se reduzir apenas às ciências, artes e letras, ela deve incorporar o aprendizado artesanal do trabalho. A grande contribuição pedagógica de Proudhon é fazer atender para o trabalho como um fundamental princípio educativo. Para realizar tal proposição, Proudhon explica que cada *oficina-escola* deve ser criada nas fábricas e estar aberta para todos e em contato direto com a produção. Nas palavras de Gallo (1995) “A *politecnia da aprendizagem é o desenvolvimento natural da filosofia social e da filosofia do trabalho de Proudhon, marcadas, como podemos perceber pelo signo da multiplicidade [...]*”. Assim, a educação politécnica ocuparia o lugar do ensino secundário quando a criança já se apropriou dos símbolos e linguagens necessárias a esta nova etapa de seu desenvolvimento psíquico, social e afetivo. Fica claro que a *educação politécnica* proposta por Proudhon abarca características fundamentais para sua plena realização: seu aspecto político (articulação entre democracia e trabalho); seu aspecto epistemológico (conhecer através do trabalho manual); seu aspecto pedagógico (a construção da politecnia da aprendizagem) e, por fim, o seu aspecto metodológico (vivência prática dos conteúdos para chegar à sua conceituação teórica – fornecimento de uma instrução geral que subentende uma especialização escolhida através da própria prática vivida cotidianamente).

O segundo capítulo “Educação, ciência e consciência” explora a filosofia social de Bakunin e apresenta os principais conceitos que orientarão a ideia de Instrução Integral defendida por ele. Ao criticar a escola burguesa e a divisão do ensino através da relação saber-poder dada pela própria divisão da sociedade classista, Bakunin apresenta o *Homem como produto social*. Para este pensador, o principal problema da educação nas sociedades industriais capitalistas do século XIX é a desigualdade econômica se reproduzindo sob a forma de desigualdade educacional e instrucional. Ele se preocupa com o desenho das políticas educacionais características das sociedades capitalistas que vão determinar o fracasso da educação porque reproduzem as relações de desigualdade fundamentais do modo de produção capitalista. Nessa direção, Bakunin vai apresentar os diferentes tipos de educação oferecidos para as diferentes classes sociais da sociedade em voga. Ele chama atenção ao processo de *“instrução intelectual”* oferecida apenas para as elites, que conta com o respaldo das ciências e do letramento e vai ser utilizada na vida social para controlar e administrar o trabalho e a produção dos trabalhadores. Em contrapartida, a educação das classes trabalhadoras, se ocorrer, realiza-se genuinamente através do *“trabalho manual”* que também é gerenciado pelas elites. Dito de outra forma, para as elites há que oferecer ao trabalhador uma instrução mínima que auxilie na realização do trabalho escapando qualquer oportunidade de reflexão sobre seu próprio trabalho fazendo-o um trabalhador alienado. Bakunin denuncia a gravidade da condição de exploração econômica e humana na qual a educação tem papel fundamental para consolidação e normalização desse modelo de sociedade. Apresenta sua concepção de ciência como um patrimônio da humanidade, mas restrita a uma pequena parcela da população. Assim, Bakunin propõe a *“Instrução Integral”*, que teria por características fundamentais a igualdade de acesso a todas as pessoas e o desenvolvimento das diferentes faculdades em seu sentido mais diversificado, objetivando adquirir a *omnilateralidade* e viver plenamente sua liberdade. A base de sua pedagogia gira em torno de dois movimentos fundamentais – tal educação deve ser acessível a todos, garantindo a igualdade nas relações, buscando diante das mais recentes descobertas do Homem no campo

científico, oferecer aos sujeitos sociais as condições de se desenvolverem amplamente. A educação integral entendida como uma educação para a liberdade é proposta por Bakunin visando trabalhar os aspectos físicos, intelectuais e morais e também muscular, nervoso e cultural face à diversidade de indivíduos existentes na sociedade. Nas palavras de GALLO (1995) *“Levando as pessoas a um processo de conscientização e de libertação, culmina na luta de uma nova sociedade, fundada sobre a justiça e a igualdade em um processo de construção social da liberdade [...] a educação anarquista de Bakunin é, muito propriamente, uma educação para a liberdade.*

O terceiro capítulo “Fundamentos da Educação Integral” dedica a Paul Robin um papel fundamental no processo de articular a teoria com a prática de uma Pedagogia Libertária. Ele Conhece a Bakunin em Genebra e mais tarde torna-se seu amigo, assim como de Piotr Kropotkin, Elisée Recules, etc. Realiza atividades de educação e propaganda e é convidado por Karl Marx a tornar-se secretário do Conselho General da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) quando da polêmica entre Marx e Bakunin fica com os socialistas libertários. Em 1879 começa seu trabalho como inspetor da educação primária na região de Blois, França, uma indicação de seu amigo Ferdinand Buisson. Organiza o primeiro Circulo Pedagógico Francês e em 1880, Robin é nomeado o director do Orfanato Prévost em Cempuis - espaço criado por Joseph-Gabriel Prévost (1793-1875), um rico comerciante adepto das ideias de Saint Simon. Ressalta-se que este espaço educativo era ideal para a aplicação de suas ideias por se tratar de uma escola-casa das crianças, o que propiciava a integralidade de atividades em tempo e espaço. Robin dirige o orfanato de Cempuis por 14 anos e sua saída da direção ocorreu em 1894 depois da resistência ao projeto por parte dos católicos da coeducação dos sexos vivida no orfanato. Depois de sua demissão Robin volta para a Bélgica onde vai ensinar Pedagogia na Universidade de Bruxelas e continua com suas atividades populares. O periódico “A instrução integral” publica um opúsculo escrito por Robin e intitulado *A saúde da mulher* que foi julgado como escandaloso e ele é condenado a um ano de prisão, mas recusando cumprir a pena e vai ao exílio na Nova Zelândia, de donde sai anistiado em 1900. Ele

morre em 1912 e deixa seu corpo para investigação científica e posterior cremação. O seu material pedagógico foi deixado para diversificadas instituições pedagógicas. Robin entendia que a educação integral era resultado de um processo de evolução no qual muitos educadores apresentaram ideias que durante o século XIX foi tomando certa organicidade que deveria ser vivida na prática. Para ele, a educação é uma necessidade política baseada no direito de todos e seu livre desenvolvimento. Robin foi o primeiro pedagogo libertário porque foi um professor e não apenas teórico da educação. A prática pedagógica era fundamental para ele e a educação integral que Robin postula cuidava do homem no seu aspecto individual e como ser social. Outro problema colocado por Robin era a questão dos processos de especialização do conhecimento que deveria ser geral e após viver a prática destas generalidades, a educação integral levaria a uma eleição natural da especialidade desenvolvida através dos variados sentidos trabalhados no processo educacional. A educação integral proposta por Robin busca as condições para que cada um descubra suas próprias habilidades baseadas em suas próprias afetações e inclinações. O conceito principal desta filosofia da educação é *o da completude do homem entendido como um todo orgânico*. O homem deve perceber que é uma totalidade e seu processo de autoformação é realizado gradativamente potencializando esta totalidade a partir de eleições singulares (especializações). A pedagogia robiniana é dividida numa fase prática e outra teórica; metodologicamente a primeira fase deve ser prática e a segunda é mais teórica. A primeira é a educação dos sentidos, sendo espontânea e baseada em fatos aleatórios que vai trabalhar na perspectiva da liberdade que alcança na segunda fase sua plenitude; a segunda fase é ordenada e racional, onde a liberdade é um bem adquirido depois de muito esforço individual até o coletivo, por isso, que para Robin há diferença nestas duas fases, uma quando a criança aprende e outra quando começa a produzir, portanto, a diferença é processual entre o saber (*savoir*) e o fazer (*faire*). Ressalta que as duas fases são igualmente importantes e não existem graus pedagógicos distintos entre as duas e a ideias de PROCESSO na pedagogia anarquista é fundamental. A crítica que faz Robin ao ensino tradicional

baseado na técnica do *magister dixit* (o professor disse) e a imposição de métodos autoritários nesse processo. É sublinhado pelo autor que uma das questões relacionadas a liberdade como prática de vida diária é que as crianças viviam sua liberdade de expressão em plenitude até serem submetidos aos pais, professores e ao sistema educativo tradicional da ordem e dos conteúdos. Na primeira fase dita espontânea há um processo de autorregulação pedagógica que leva a determinadas percepções e conhecimento, já a segunda fase chamada dogmática brinda uma questão externa – o desenvolvimento da ciência que estruturará o processo de conhecimento do mundo. Para conseguir desenvolver este nível necessário da positividade é preciso um ensino crítico y consciente, quer dizer, não um ensino especializado, mas que permita uma aplicabilidade destas ciências nas atividades tecnológicas práticas da vida (ofícios). Robin se preocupa com o desenvolvimento da criança em sua primeira infância e para trabalhar a mesma afirma que o manejo pedagógico dos sentidos é fundamental para desenvolver a percepção e a observação, não ferir o princípio da espontaneidade. Para isso, Robin procurou trabalhar com a criatividade das crianças a partir de várias modalidades artísticas, mas seu objetivo mais importante foi a construção de uma educação racionalista, baseada na verdade e racionalidade científicas (relação entre imaginação e ciência experimental). Assim, a experiência da Educação Integral postulada por Robin foi dividida em três categorias: a educação física como medicina preventiva e não atletismo que resultava na instrução profissional; a educação intelectual como uma pedagogia da pergunta resultando no processo de provocação da curiosidade e dúvidas; e, por fim, a educação moral como uma prática da vida solidária, produto de uma educação para o respeito à liberdade e a fraternidade, gerando, desta maneira, a igualdade.

O quarto capítulo dedicado 'A Colmeia' de Sébastien Faure apresenta uma segunda experiência de pedagogia libertária que propicia outros elementos interessantes sobre a educação integral. A experiência *La Ruche* (A Colméia), uma referência às teorias de *apoyo mútuo* e foi realizada de 1904 até 1917 na França. É importante destacar que a vivência de Faure foi uma

continuação teórico-prática do que viveu Robin em Cempuis. A Pedagogia Faureniana também é defensora da liberdade e da autodeterminação da criança, seguindo a mesma linha de Robin e inscrita na teoria pedagógica de Rousseau. A escola *La Ruche* recebia os filhos e filhas dos trabalhadores e eram garantidas através das atividades propagandistas de Faure. A auto-suficiência da escola sempre foi uma grande preocupação para este educador anarquista que aplicava todas suas economias neste projeto. Faure educava 40 crianças que eram situadas em um meio familiar, solidário, formando uma comunidade bem integrada entre crianças e professores, ele cria uma 'mini-sociedade', dentro da macro-sociedade exploradora. GALLO (1995) complementa: *“Entre a educação religiosa, que prende a consciência aos dogmas, e a educação estatal, que prende a consciência às mentiras da dominação do homem pelo homem, Faure propõe com La Ruche a escola da liberdade e do pleno desenvolvimento da criança”*. *La Ruche* foi uma comunidade autogestionária que foi experienciada por através da ampla e direta participação de todos os seus membros. Era uma grande família em que as crianças não pagavam e os seus colaboradores não tinham salário, mas a comunidade em si mesma garantia a subsistência de seus membros e o cargo de direção que ocupava Faure era apenas por uma 'ordem' externa à comunidade porque internamente ele era um membro como outro qualquer. Acerca da Educação integral Faureniana, esta encontra as semelhanças de base formativa com todas as outras pedagogias libertárias apresentadas anteriormente pelos pensadores anarquistas aqui explicitados, mas a grande diferença e contribuição de Faure é que ao escrever sobre esta educação integral e sua aplicabilidade, ele não faz muita referência à educação intelectual e detém seus esforços mais na educação manual e profissional e na educação moral. Afirma que a infinidade de métodos e práticas pedagógicas podem ser reduzidas a dois grandes princípios básicos: *método dedutivo* e *método intuitivo*. O primeiro ensina a criança a submeter-se e o segundo incentiva a criança a experienciar a sua liberdade em todas suas modalidades e manifestações. Embora Faure critique e abomine a figura autoritária do professor, acredita que uma pedagogia rica é aquela nutrida pela 'força do

exemplo' e outro aspecto interessante da metodologia do funcionamento de *La Ruche* é a eliminação de toda e qualquer forma de classificação das crianças nos processos de aprendizagem, por isso, que os métodos pedagógicos desta experiência voltavam esforços tanto para os aspectos individuais quanto para os aspectos sociais, o primeiro desenvolvendo a autonomia e a criatividade da criança e o segundo inscreve a individualidade no contexto do respeito solidário e das inter-relações sociais que se desenvolviam através da consciência da igualdade e fraternidade entre seus membros. Faure cria as oficinas pedagógicas que trabalhavam o ensino profissional e explicita nestas mesmas práticas pedagógicas a dimensão social da educação (educação moral) que se constitui na caracterização social do ensino. O que traça Faure é uma *Pedagogia da liberdade* como resistência a uma *Pedagogia dos deveres*. Assim, *La Ruche* sucumbe, mas esta comunidade-escola foi uma das principais experiências anarquistas em torno da proposta formativa de um novo homem e um novo mundo.

No contexto de tantas conceituações e experiências da Pedagogia libertária, Silvio Gallo nos apresenta a *Pedagogia do Risco*, uma pedagogia que se preocupa em criar condições estruturais para cada indivíduo se desenvolva em sua plena singularidade, procurando trabalhar tal processo de modo que a liberdade se expresse como construção coletiva dos sujeitos em relação. É risco porque é uma *Pedagogia da vida*, uma pedagogia que escolhe a *Vida* como base construtora de seu próprio vitalismo material e concreto em constante transformação, uma pedagogia do risco que supõe a vida em si, uma vida que nas palavras deste autor é *existência livre e autônoma*.